

CINEMA E CURRÍCULO

Caminhos e possibilidades

João Luís de Almeida Machado¹

... o currículo deve ser concebido como artefato cultural, como um campo de produção de cultura, além de reprodução de cultura, como um campo de conflito em torno da definição de conhecimento (E6). Partindo-se dessa concepção, é preciso, nos cursos, vincular o processo curricular a desenvolvimentos culturais mais amplos e abrir espaço para a crítica de diferentes manifestações culturais. (MOREIRA, 2000)

Muito mais do que uma simples tendência verificada a partir do levantamento do campo do currículo no Brasil ao longo da década de 1990, a afirmação feita por um dos especialistas (E6²) em currículo, encontrada no texto de Antônio Flávio Barbosa Moreira, abre espaço para uma reflexão de grande premência e importância, ou seja, como e porque se deve fazer a inserção e a utilização de elementos de cultura na educação. O mesmo depoente (E6), entrevistado por Moreira, consolida o seu posicionamento ao afirmar que:

(...) discutir mais textos que estejam voltados para a análise da produção cultural e de envolver as próprias alunas e os alunos da graduação no processo de analisar materiais culturais (...) como forma prática de mostrar como um currículo poderia ser organizado em torno dessas preocupações. (MOREIRA, 2000)

Nesse ínterim seria mais do que adequado ampliar a discussão e posicionar-se quanto ao uso do termo “textos” utilizado pelo especialista em currículo, em sua segunda afirmação destacada por Moreira, e acrescentar a

¹ Professor e pesquisador do Centro Universitário Senac – Campus Campos do Jordão/SP; Doutorando em Educação: Currículo pela PUC-SP; Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP); Editor do portal *Planeta Educação* (www.planetaeducacao.com.br).

² O artigo em questão não disponibiliza o nome dos entrevistados e os identifica pela letra E (entrevistado) e por números colocados de acordo com a seqüência em que os depoimentos vão sendo introduzidos no texto.

essa palavra outros referenciais culturais, de linguagem própria e específica, como o cinema, a música, as artes plásticas, a dança,...

Quanto ao uso da cultura na educação sabe-se, conforme nos ensina Jean-Claude Forquin, que:

O que se ensina é, então, com efeito, menos a cultura do que esta parte ou esta imagem idealizada da cultura que constitui o objeto de uma aprovação social e constitui de qualquer modo sua “versão autorizada”, sua face legítima. (FORQUIN, 1993)

Este mesmo autor nos convida a pensar que há “configurações cognitivas específicas” para a efetivação da chamada “transposição didática” dos saberes próprios da cultura (erudita ou popular) para o ambiente educacional. Não há a pretensão ou a intenção de que a escola seja capaz de apropriar-se desses conhecimentos e mobilizar-se em função do surgimento de expoentes da música, do cinema, do teatro, da pintura, da dança,...

O que não se deve deixar de fazer é recorrer necessariamente aos elementos da produção cultural humana nas escolas, agregando porções selecionadas desse vasto arsenal de composições aos currículos escolares de forma a tornar mais perene e constante a relação entre os agentes educacionais e a cultura.

Gimeno Sacristán ressalta essa necessidade de aproximação entre a escolarização e a cultura ao afirmar que:

Do ensino se espera que distribua cultura, que prepare para o mundo do trabalho, que forme bons cidadão e cuide do bem-estar do indivíduo e de seu desenvolvimento pessoal. (SACRISTÁN, 2000)

Indo um pouco além do pensamento apresentado acima, deve-se esperar que a cultura não seja somente distribuída pela escola, mas aprendida, compreendida, analisada, interpretada e que, a partir do exame e apreensão de seus elementos que também se fomente o surgimento de novas expressões, produções e, até mesmo, escolas culturais em suas variadas vertentes e espaços específicos de produção e criação.

Conforme constatamos anteriormente a função da escola não é a da formação de novos artistas plásticos, diretores de cinema, dramaturgos, dançarinos, coreógrafos, fotógrafos ou escultores. Nada impede, no entanto, que do estudo das variadas contribuições e produções culturais apresentadas em sala de aula ajuda a emergir alguns expoentes entre os alunos e os trabalhos representativos.

No geral, ao utilizar filmes, músicas, peças de teatro ou obras de arte como pinturas e esculturas para tematizar, sensibilizar, argumentar ou discutir questões previstas nos currículos, o que se pretende é ampliar o raio de visão dos educandos e colocá-los em sintonia com outras linguagens. Essas outras formas de expressão devem também ser compreendidas e utilizadas para que os estudantes percebam a riqueza e a complexidade dos conteúdos e, conseqüentemente, as leituras que são feitas dos mesmos pelos diversos segmentos de produção cultural da humanidade. Anamelia Bueno Buoro destacou a pertinência do trabalho com cultura nas escolas ao afirmar que:

Sabemos que poetas, artistas, escritores, cientistas, filósofos – e demais produtores de linguagem – são indivíduos que se destacam nas mais diferentes culturas pelos objetos que constroem e que nos encaminham a refletir e aprender, diversificando assim nossas relações com a natureza, com outros indivíduos e com questões da nossa existência. Sua preocupação é engendrar narrativas, objetos e imagens com base em um pensar sobre o homem e o mundo, para que, das leituras dessas produções, emergam questões. (BUORO, 2002)

Há, evidentemente, dificuldades e problemas no que se refere à inserção de saberes provenientes de outras áreas de produção cultural e linguagens específicas na sua transposição para o ambiente escolar. O primeiro pormenor a ser levantado refere-se à própria tradição cultural de base oral e escrita que prevalece na educação ocidental desde o momento em que ela se firmou e se consolidou enquanto prática regular nos modernos estados europeus pós-revoluções burguesas.

Ler e escrever constituem os ensinamentos básicos e fundamentais ao lado da capacidade de lidar com os números e cálculos matemáticos. O

trabalho com imagens, por exemplo, acaba sendo negligenciado e colocado em segundo ou terceiro plano quando tanto. As aulas de artes, relegadas a poucas horas de atividades semanais são conduzidas de forma despreocupada e desmotivada a partir das prerrogativas sociais e culturais do mundo ocidental cristão contemporâneo no qual vivemos.

Os livros didáticos, por exemplo, utilizam imagens apenas como forma de preenchimento dos espaços e embelezamento da editoração desses materiais. Até muito recentemente as imagens que apareciam nos livros didáticos eram praticamente desprezadas em aula pelos professores. O advento de novas mídias e recursos que compõem o que chamamos de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) junto ao contexto educacional, estimularam a necessidade de revisão dessa realidade de trabalho com as imagens em virtude de seu caráter multimidiático.

A utilização freqüente de imagens, animações, gráficos, tabelas ou infográficos através da Internet tem contribuído decisivamente nesse sentido de utilização mais racional e regular desses recursos não apenas através da Web, mas também em veículos informativos convencionais como livros, jornais e revistas.

Maria Luiza Belloni nos alerta para essa crescente demanda das novas tecnologias na educação e, conseqüentemente, de sua linguagem multimídia ao afirmar que:

A integração dos meios de comunicação mais contemporâneos, que chamaremos provisoriamente de TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), aos processos educacionais é tarefa urgente e necessária, pois tais técnicas já estão presentes em todas as esferas da vida social, em muitos casos gerando ou agravando desigualdades socioculturais. Cabe à instituição escolar democratizar o acesso a esses meios, do mesmo modo que lhe cabe alfabetizar a criança para formar o cidadão livre e emancipado. (BELLONI, 2002)

Sustentando ainda mais essa necessidade da cultura como parte integrante do currículo das escolas em todos os seus diferentes níveis, desde a educação infantil até a graduação universitária, alcançando mesmo as extensões universitárias e cursos de pós-graduação, é preciso recorrer também

aos dizeres de Gimeno Sacristán em sua obra *Poderes Instáveis em Educação*:

Sem cultura previamente objetivada, não há reprodução, nem possibilidades de revisão de seus conteúdos substantivos. A educação exige, inexoravelmente, *conteúdos culturais*. (SACRISTÁN, 1999)

Percebe-se, assim, que a relação entre a educação e os elementos da cultura, em particular da arte, constitui fundamento para a consolidação de um processo de ensino-aprendizagem muito mais efetivo e atraente tanto para os educadores quanto para os educandos.

E o Cinema?

Mr. KEATING - Why do I stand here? To feel taller than you? I stand on my desk to remind myself that we must constantly force ourselves to look at things differently. The world looks different from up here. If you don't believe it, stand up here and try it. All of you. Take turns. Try never to think about anything the same way twice. If you're sure about something, force yourself to think about it another way, even if you know it's wrong or silly. When you read, don't consider only what the author thinks, but take the time to consider what you think. You must strive to find your own voice, boys, and the longer you wait to begin, the less likely you are to find it at all. Thoreau said, "Most men lead lives of quiet desperation." I ask, why be resigned to that? Risk walking new ground. Now. A flame in your hearts could change the world, lads. Nurture it. (Trecho extraído do roteiro original do filme **Sociedade dos Poetas Mortos**, do diretor Peter Weir)

Sr.KEATING - Porque estou de pé aqui? Para me sentir mais alto que vocês? Eu estou em pé sobre a minha mesa para me lembrar que nós devemos constantemente nos forçar a olhar as coisas de

forma diferente. O mundo me parece diferente daqui de cima. Se vocês não acreditam nisso, fiquem em pé aqui e experimentem. Todos vocês. Um de cada vez. Tentem nunca pensar sobre alguma coisa da mesma forma por duas vezes. Se você não tem certeza de alguma coisa, faça força para pensar sobre isso de um outro modo, mesmo que ache que está errado ou que é uma tolice. Quando você lê, não considere apenas o que o autor pensa, mas dê um tempo para considerar o que você pensa. Você tem que lutar para encontrar sua própria voz, meninos, e quanto mais você esperar para começar, menos chances você terá de encontrar o que procura. Thoreau disse, “a maioria dos homens vive a vida em um silencioso desespero.” E eu pergunto, porque nos resignamos e aceitamos isso? Arrisquem-se a andar em solo novo. Agora. Uma chama em seus corações poderia mudar o mundo, jovens. Nutram isso.

Há pequenas lições que nos são dadas no escurinho do cinema pela força das imagens e pela multiplicidade de recursos usados na sétima arte. O roteiro, a cenografia, a música, a interpretação dos atores, os efeitos sonoros e visuais, os figurinos, a direção de arte ou a direção de elenco são apenas alguns dos trabalhos que não percebemos, mas que dão vida e argumento para a consolidação de uma obra cinematográfica.

Ao resgatar o trecho acima transcrito do roteiro original do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, dirigido por Peter Weir, roteirizado por Tom Schulman e estrelado por Robin Williams, destacam-se algumas idéias contidas nos dizeres do personagem de Williams, o professor John Keating, para tentar traçar paralelos entre os estudos em Currículo e o projeto de pesquisa em que procuramos relacionar a utilização de filmes à formação de professores.

Inicia-se a reflexão sobre Cinema e Currículo destacando o questionamento “*porque estou de pé aqui?*” proferido por Keating ao se posicionar sobre sua própria mesa de trabalho na sala de aula em que ensinava literatura com seus estudantes. Há nessa frase um elemento de provocação ou um estopim que detona um canhão e dá início a uma revolução mais que necessária em nossas existências pessoais e profissionais. A educação carece de revoluções. Não de tiros e estardalhaço, mas de ação pautada em reflexão e reordenação dos parâmetros e práticas executados nas aulas de nosso país.

A união entre a cultura e a educação torna-se, a partir dessa perspectiva, componente basilar para a construção de um novo e essencial currículo. Não que a escola desprezasse os elementos da produção cultural em sua elaboração curricular.

Música, cinema, teatro, literatura, dança e tantas outras realizações culturais humanas se faziam presentes na educação escolar apenas a partir de recortes, de processos de seleção e exclusão que procuravam levar em conta o tempo disponível para a aprendizagem e as séries ou níveis aos quais seriam aplicados.

Essa constatação forneceu ainda mais elementos para alimentar a busca por mudanças. Torna-se cada vez mais necessário questionar a prática e, ao mesmo tempo, “*constantemente nos forçar a olhar as coisas de forma diferente*”. Não é bem isso o que se verifica em sala de aula quando nos dispomos a observar o trabalho realizado pela grande maioria dos professores. Percebem-se autômatos a repetir por horas, dias, meses e anos a fio uma prática que nada guarda de criativa, original e dinâmica, quase sempre

desprovida de entusiasmo e brilho, incapaz de manter o deslumbramento e o interesse do aluno. É inegável que a educação se assemelha aos mais previsíveis filmes que conhecemos, em que todos sabem desde o princípio que o mordomo é o culpado ou ainda que depois de tantos entreveros e choques, o mocinho termina se casando com a mocinha...

Há uma certa urgência de despertar nos professores o interesse pelo conjunto de elementos, atividades e conteúdos que se imbricam em torno da educação. Nesse sentido vale destacar a observação de Sacristán:

A educação para ser compreendida exige ser entendida: a) Como uma **atividade** que se expressa de formas distintas, que dispensa processos que têm certas conseqüências nos alunos, e, por isso, é preciso entender os diversos métodos de conduzi-la; b) Como o **conteúdo** de um projeto de socialização e de formação: o que se transmite, o que se pretende, os efeitos que se obtêm; c) Como os agentes e os **elementos que determinam** a atividade e o conteúdo: forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais, entre outros. (Sacristán, 2000)

Enquanto autômatos a repetir cotidianamente o mesmo conjunto de ações, os professores nem mesmo conseguem se perceber enquanto parte dos elementos da atividade e do conteúdo escolar. Apenas reproduzem os ensinamentos recebidos, sem analisá-los de modo crítico, sem questioná-los quanto ao significado e sentido para os quais se aplicam sob a forma de conteúdo didático. Olham para a sala de aula sempre a partir do mesmo ponto de vista. Reagem ao trabalho sempre da mesma forma. Se parecem com a

personagem da música de Chico Buarque de Holanda que “faz tudo sempre igual”...

Novas demandas profissionais no campo da educação surgem e desaparecem em ciclos cada vez mais breves. Difícil manter-se à parte, alheio, indiferente. Uma nova e diferenciada realidade, especialmente a das salas de aula, se impõe plena de desafios, convidando àqueles que dela participam, a renovar-se e sempre, refinar o olhar para aquilo que é essencial na prática educativa.

Sacristán destaca essa falsa impressão dos currículos escolares, totalmente descolados da implementação cotidiana dos professores, ao afirmar que:

O que importa não é o que se diz que se faz, mas o que verdadeiramente se faz; o significado real do currículo não é o plano ordenado, seqüenciado, nem que se definam as intenções, os objetivos concretos, os tópicos, as habilidades, valores, etc., que dizemos que os alunos aprenderão, mas a prática real que determina a experiência de aprendizagem dos mesmos.(Sacristán, 2000)

Não se deve “*viver a vida em silencioso desespero*” como havia dito Thoreau. Por isso se propõe a fusão de elementos da cultura com a educação, razão pela qual busca-se compreender e elaborar possibilidades de aproximação entre o cinema e a sala de aula. Motivado por esse espírito é possível pensar em utilizar “os filmes como ferramentas referenciais ao processo de ensino-aprendizagem na formação de professores”³. Acredita-se que, ao fazer isso, os professores do amanhã tenham condições de “*arriscar-se*

³ Título do projeto de pesquisa apresentado pelo autor deste artigo ao programa Educação: Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

a andar em solo novo” e que consigam, ao não se resignarem, estimular seus jovens alunos a nutrir “*uma chama em seus corações (que) poderia mudar o mundo*”...

Como fazer para chegar lá?

Trabalhar com filmes em sala de aula pode ser extremamente gratificante, pois invariavelmente os resultados alcançados superam as expectativas dos professores. Assim, é necessário que seja feito um planejamento detalhado de cada passo dessa iniciativa. O presente texto explora tal temática especificando algumas idéias e encaminhamentos que podem (e devem) favorecer a ação dos professores interessados nesse poderoso e eficiente recurso. Para facilitar a leitura e a utilização dessas práticas, sua apresentação foi organizada em tópicos apresentados abaixo:

1- Quanto ao uso dos filmes em sala de aula deve-se sempre estruturar previamente as estratégias e metodologias que orientarão as aulas. O que se quer, a princípio, é que as aulas sejam dinâmicas e atraentes para os estudantes. Para que isso ocorra torna-se necessário que se organizem atividades que façam com que o educando participe ativamente dos procedimentos. Trabalhar com pequenos grupos e em situações de simulação da realidade são práticas adequadas e que servem de exemplo para que os filmes possam ser discutidos e gerem produção escrita. Organização é outra palavra fundamental quando pretendemos trabalhar com grupos de estudantes; todos os detalhes de encaminhamento das atividades têm que ser apresentados antecipadamente para os estudantes. Aulas expositivas são importantes antes do filme ser mostrado ou logo depois da apresentação do mesmo.

2- Aulas expositivas que são apresentadas antes do uso dos filmes têm o propósito de traçar um panorama geral do período/contexto que está sendo estudado. Através desse perfil de época/costumes apresentado em aula o educando tem condições de comparar textos utilizados, informações

apresentadas pelos professores, artigos de revistas especializadas, referências de jornais ou revistas de grande circulação com os filmes. O professor tem o compromisso de disponibilizar os recursos e mobilizar os alunos não apenas através de seminários, centralizando as ações, mas também atribuindo responsabilidades e mobilizando os alunos através de atividades que se desenvolvem durante as aulas que antecedem o uso dos filmes.

3- Quando os filmes antecedem as aulas expositivas, a função do uso das películas é diferenciada em relação ao caso anteriormente apresentado. Os filmes são utilizados como recurso de chamamento dos educandos ao tema, tem o propósito de despertá-los para os temas em questão, introduzem o assunto em aulas. Mesmo nesse caso torna-se necessário que os professores procurem orientar as atividades no tocante ao filme, pedindo maior atenção quanto a determinados aspectos da história representada ou intercedendo nos momentos apropriados (se necessário, parando a apresentação do filme em vídeo ou DVD). Não é recomendável que os estudantes façam anotações durante a apresentação do filme, isso dispersa a atenção dos mesmos para os detalhes da trama, do cenário, dos figurinos e de outros elementos representativos que podem ser utilizados pelo professor em suas atividades posteriores. As aulas expositivas que transcorrerem depois da apresentação devem ser utilizadas para referendar os pontos importantes disponibilizados pelo filme, aprofundar o assunto e introduzir idéias que tenham passado sem que tenham sido mencionadas; novamente cabe ao professor utilizar os recursos complementares para que as aulas sejam elucidativas, interessantes e para que a atenção e a participação dos educandos sejam contínuas.

4- Se necessário, os trechos mais importantes podem ser apresentados uma segunda ou terceira vez, depois que as discussões e debates, assim como a redação sobre o material fílmico, já estiverem em curso durante as aulas.

5- A proposta de trabalho em pequenos grupos tem o objetivo de fazer com que os educandos troquem idéias entre si, despertem uns nos outros a atenção quanto a aspectos que não foram percebidos, discutam questões propostas pelo professor e escrevam sobre o que viram. Existem vários

trabalhos publicados quanto à utilização de técnicas e métodos de trabalho em aula.

6- A idéia de simulações como proposta de ação nas aulas posteriores a apresentação do filme tem o propósito de aproximar os temas apresentados nos filmes da realidade em que vivem os alunos, tornando o assunto em questão ainda mais pulsante e vivo para os mesmos. Ambientar as aulas em situações como uma redação de jornal, uma estação de rádio, uma organização não-governamental ou uma secretaria de governo podem estimular os estudantes e fazer com que o resultado final dos trabalhos seja ainda mais interessante.

Quanto ao campo das técnicas de utilização e as formas de avaliação do uso do recurso e dos elementos concedidos pelos filmes, é o que se pretende responder através do aprofundamento desse trabalho de pesquisa e também pelo projeto *Cinema na Educação*, desenvolvido com o apoio da Futurekids do Brasil e que tem se tornado conhecido nacionalmente através do portal educacional *Planeta Educação* (www.planetaeducacao.com.br).

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores.

BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam: A leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ / Fapesp / Cortez, 2002.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e Cultura: As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MOREIRA, Antônio Flávio B. O campo do currículo no Brasil: Os anos noventa. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O Currículo: Uma reflexão sobre a prática*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *Poderes instáveis em educação*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Referências eletrônicas:

DEAD Poets Society (1989). Disponível em <http://www.imdb.com/title/tt0097165/>. Acesso em 21 out. 05.

MACHADO, João Luís de A. *Sociedade dos Poetas Mortos*: Ele fez de suas vidas algo extraordinário. Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/new/colunas2.asp?id=91>. Acesso em 21 out. 05.

SCHULMAN, Tom. *Dead Poets Society (original draft)*. Disponível em http://scifiscripts.com/msol/dead_poets_final.txt. Acesso em 21 out. 05.